

A ESCRITA DO GÊNERO CONTOS DE FADAS A PARTIR DE CONHECIMENTOS ADVINDOS DA ORALIDADE

José Ricardo CARVALHO

(Universidade Federal de Sergipe)

ricardocarvalho.ufs@hotmail.com

A produção de texto corresponde um desafio para os professores da Educação Básica em todos os seus segmentos. Ela começa na Educação Infantil quando as crianças, sem dominarem os rudimentos da linguagem verbal escrita, são capazes de formularem discursos pela via da linguagem oral. Por meio da modalidade oral, as crianças são capazes de recontar histórias ouvidas, dramatizar, mudar o final de uma história, entre outras atividades. Todavia, as competências orais envolvidas para contar uma história não são incorporadas em estratégias pedagógicas para narrar textos do gênero escrito. Seguindo a proposta de Dolz e Schneuwly (2004), é possível desenvolver uma sequência de atividades didáticas voltadas para apropriação dos gêneros de textos na escola, considerando-se, a escolha dos gêneros e a compreensão dos processos de interação envolvidos no contexto de transposição pedagógica. Em nosso entendimento, o reconto oral do gênero contos de fadas apresenta-se como um recurso expressivo para a produção de sua versão escrita, servindo de amparo para uma série de atividades de compreensão linguístico-discursivo. Neste trabalho, relatamos uma experiência de formação de professores que propõe a produção textual, por oficinas. Tomamos como base os conhecimentos orais transcritos e retextualizados em uma classe de quarto ano do ensino fundamental para implementar ações pedagógicas. A partir destas atividades, organizamos uma sequência didática para reescrever o conto de fada “O rei sapo”, apresentando duas versões da mesma história. Os dados demonstram o progresso dos alunos após as atividades realizadas nas oficinas de produção de texto. (Apoio PIBID – Nº 001/2011/CAPES)

Palavras-chave: contos de fada; sequência didática, oralidade e retextualização

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, lidamos com textos orais e escritos que exigem abordagens distintas, visto que as condições de produção e organização dos discursos, responsáveis por sua formulação textual, demandam diferentes procedimentos para interagir com o material linguístico das duas modalidades. O professor precisa, então, considerar a seleção gêneros a ser estudado na sala aula, bem como as estratégias

discursivas para torná-los objeto de reflexão linguística para ampliar o repertório do usuário da língua. Neste sentido, o grande compromisso da escola é ajudar o aluno a compreender o funcionamento da linguagem dos variados gêneros encontrados nas dinâmicas coletivas, redimensionando, assim, a competência sociocomunicativa dos alunos. Esta ação parece ser um grande desafio para a escola, na atualidade, pois contribuir com o processo de inserção dos alunos ao mundo letrado demanda um trabalho sistemático e reflexivo. Neste sentido, o ensino da língua materna nos anos iniciais tem sofrido forte deslocamento, pois no lugar professor transmissor de conteúdos descontextualizados e fragmentados, a nova ação educativa convoca a promoção de situações de interação verbal voltadas para o domínio de diferentes linguagens para os alunos lerem e produzirem textos orais e escritos.

Neste processo, a concepção sociointeracionista, apoiada em Vygotsky (1989) e Bakhtin (1992), a oralidade se configura como ponto de partida para as ações com a linguagem, aproveitando os conhecimentos discursivos que falante já utiliza para se relacionar verbalmente. Sob esta perspectiva, propomos, neste trabalho, uma reflexão sobre os desafios envolvidos com a apropriação dos recursos discursivos do gênero conto de fadas por alunos do ensino fundamental. Buscamos compreender em que medida as atividades orais reconfiguram os saberes voltados para o domínio do discurso escrito. Para isto, relatamos atividades desenvolvidas no projeto “Processos de retextualização dos contos de fadas nas séries iniciais” (PIBIC/2011). Ressaltamos as estratégias de produção textual que exploram os aspectos discursivos dos contos de fadas em sala de aula. Elegemos o conto de fada “O rei sapo”, por ser oriundo da tradição oral e dotado de linguagem e conteúdo próximo da realidade infantil. Por meio de uma linguagem simbólica, eles promovem uma forte identificação das crianças, pois expressam alternativas mágicas para resolução de problemas difíceis encontrados na existência humana. Acrescenta-se, ainda, que a narrativa selecionada possui características regulares que motivam o desenvolvimento a compreensão do funcionamento da linguagem oral e escrita e as habilidades envolvidas em cada modalidade. Hampâté Bâ sintetiza que estes contos de tradição popular atuam sobre diferentes níveis de interação.

No primeiro nível, ele é puramente recreativo, e seu objetivo é divertir e distrair crianças e adultos. (...) Num outro nível, o conto é um suporte de ensinamento para iniciação às regras morais, sociais e tradicionais da sociedade, na medida em que

revela um comportamento ideal de um ser humano no seio da família ou da comunidade. Enfim, o conto é dito iniciático na medida em que ilustra as atitudes a imitar ou a rejeitar, as armadilhas a discernir e as etapas a vencer quando se está engajado no difícil caminho da conquista e da realização de si mesmo. (HAMPÂTÉ BÂ apud MATOS, 2005, p.18/19).

Neste contexto, percebemos que a força da cultura oral, presente na primeira fase escolar, pode ser um ponto de partida para a compreensão do gênero conto de fadas no ensino fundamental. Sendo assim, a seleção de textos da cultura oral e a sua dinamização pode ser um elo desencadeador de reflexão sobre a forma composicional, estilo de uso da linguagem nos diversos gêneros textuais trabalhados no ensino fundamental.

O reconto oral começa na Educação Infantil, quando as crianças, antes mesmo de dominarem os rudimentos do código verbal escrito, já são capazes de formularem discursos, atualizando os elementos linguísticos e factuais que ouvem para recompor gêneros textuais com os quais interagem. Observamos na rotina da educação infantil a importância dominar o modo como se estrutura as narrativas para avaliar como este gênero vai sendo, aos poucos, inserido na vida da criança. Por meio da conversa informal, os alunos compartilham experiências para recontar histórias com ajuda do professor.

Diremos que as crianças, em contato social com narrativas orais, internalizam, intuitivamente, a estrutura destes textos, fornecendo, elementos para a expansão de suas competências linguístico-discursivas. Por meio da modalidade oral, crianças de 3 a 6 anos são capazes de recontar histórias ouvidas, dramatizar, mudar o final de uma história, entre outras atividades. Apresentamos a seguir o trecho de um reconto oral do “Rei Sapo” dos Irmãos Grimm realizado no CMEI-Recife (Centro de Educação Infantil) por alunos de 5 e 6 anos. A atividade foi extraída da tese de doutorado de Araujo (2009).

(Rei sapo. 1º recontar) Emanuelle diz: “Era uma vez...”. A narradora aguarda um pouco. Joyce fala: “Uma linda princesa...”. Após um tempinho, a menina continua: “Chamada Raiz...”. A narradora diz: “O nome dela era Raiz?!”. Emanuelle ri. A narradora exclama: “Que nome bonito você deu pra princesa!”. Emanuelle e Rafael falam ao mesmo tempo, mas a voz da menina se sobrepõe: “Ela morava num castelo...”. O menino diz: “Ela tava fazendo isso [Faz o gesto de jogar uma bola para cima com uma mão e pegar com a outra] e a bolinha

caiu...”. Emanuelle completa: “Dentro do poço...”. Joyce afirma: “O sapo pegou...”. Pouco depois, Emanuelle diz: “Aí, deu pra ela...”. Rafael fala: “Aí, ela correu e...”. Emanuelle e Joyce falam ao mesmo tempo. A primeira diz: “Aí, o sapo disse...”. A fala da segunda se sobrepõe: “Aí, o sapo bateu na porta... Depois entrou... Era o sapo, que depois dormiu na cama dela... Que nojo! Depois ele... [Faz um ar de suspiro] Virou um príncipe...”. Emanuelle fala: “Aí, depois pegou o sapo e meteu... [Faz o gesto de arremesso] E... Bateu com ele na parede...”. Joyce afirma: “E morreu... E virou um príncipe...”. Emanuelle diz: “Mentira! Que mentira! Ele nem morreu... Virou um príncipe...”. Emanuelle ri. A narradora ri também. Joyce fala: “Felizes para sempre... foi simhora pro castelo...”. (ARAUJO, 2009, p.105/106)

No fragmento da transcrição gravada que acabamos de ter contato, é possível identificar a mediação da professora para a realização do reconto oral da história “Rei Sapo”. Por meio de perguntas e comentários a professora ajuda na condução da composição do gênero conto de fadas. Os alunos tentam seguir a sequência de fatos ocorridos na história, suprimindo algumas informações importantes para compreensão da narrativa como um todo, mas mantém o fio da narrativa. Percebe-se que a professora auxilia os alunos no reconto com silêncio e comentários, fazendo com que os alunos reconstruam a sequência da narrativa, enfatizando os personagens, o conflito e o desfecho da história “O nome dela era Raiz?!” (...) “Que nome bonito você deu pra princesa!”. Observa-se que os alunos já dominam uma série de conhecimentos sobre a estrutura narrativa e acrescentam novas informações que não havia no texto-base. Contudo, eles promovem a lógica dos contos de fadas, ressaltando o ápice da história com a descrição do momento quando o sapo é jogado na parede e a metamorfose do animal em príncipe acontece. Podemos perceber que as crianças não se esqueceram de destacar o elemento mágico, formulação discursiva caracterizadora do gênero contos de fada ao recontarem oralmente “O rei sapo”. Além disso, os alunos repetem o tradicional enunciado “e foram felizes para sempre” para encerrar o enredo da narrativa, demonstrando, mais uma vez, conhecimentos sobre o gênero contos de fada. Se retirarmos da gravação os momentos de intervenção da professora, bem como comentários dos alunos para recontar o “Rei Sapo”, veremos que seu produto linguístico pode ser transcrito da seguinte forma:

Era uma vez... uma linda princesa... chamada Raiz...ela morava num castelo...ela tava fazendo isso [Faz o gesto de jogar uma bola para cima com uma mão e pegar com a outra] e a bolinha caiu...dentro do poço... o sapo pegou...aí, deu pra ela... aí,

ela correu e... aí, o sapo disse...aí, o sapo bateu na porta... depois entrou... era o sapo, que depois dormiu na cama dela... depois ele... virou um príncipe...aí, depois pegou o sapo e meteu... e... bateu com ele na parede...e morreu... e virou um príncipe...mentira que mentira... ele nem morreu... virou um príncipe...felizes para sempre... foi simhora pro castelo...

Os alunos rememoram boa parte do conteúdo proposicional da narrativa, utilizando recursos verbais e corporais para recontar a história. Para narrar o momento em que a princesa jogava bola no jardim do palácio, as crianças consideram a situação por meio de gestos para descrever o fato, não explicitando de forma verbal esta informação. Observamos, também, a ausência de conectores para realizar passagem temporal e promover unidade ao fio narrativo. Estes elementos demonstram aspectos interacionais ligados ao gênero do conto de fadas, em sua dimensão oral, onde os sujeitos compartilham representações depois de ouvir “O rei sapo”.

Todas as ações, demonstradas na passagem do texto lido pela professora e recontado pelos alunos, revelam um processo complexo que envolve a operação de retextualização. Segundo Marcuschi (2001) o trabalho de produção textual, sob a ótica da retextualização, explora os diferentes gêneros textuais como fonte de estímulo para refletir e agir sobre a linguagem no plano da formulação e reformulação dos usos dos signos. Em sua proposta, Marcuschi (2001, p. 48) prevê a passagem de uma ordem para outra (falada e escrita), pode ocorrer em diferentes níveis.

1. Fala → Escrita (entrevista oral → Entrevista impressa);
2. Fala → Fala (conferência → Tradução simultânea);
3. Escrita → Fala (texto escrito → Exposição oral);
4. Escrita → Escrita (texto escrito → Resumo escrito).

As operações no processo de retextualização envolvem mudanças tanto no nível do código como no processo de construção de sentido. Sendo assim, o modo como alunos da Educação Infantil interagiram com o conto “O rei sapo”, do ponto de vista linguístico-discursivo, suscitou uma série de indagações sobre o processo de interação da mesma narrativa quando já se domina o código escrito e já se aprofundou outros procedimentos do mundo letrado. Tal processo nos levou a investigar a atividade de

retextualização com alunos que já dominam a linguagem escrita e se encontram nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Buscamos compreender como a retextualização pode ser inserida nas propostas de produção de texto no espaço escolar.

Consideramos, inicialmente, a noção de gênero de texto e sequência didática proposta por Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly (2004), para projetar o reconto oral, a reescrita de “O rei sapo” e a sua retextualização na dinâmica da produção de textual. Neste contexto, houve a preocupação em estabelecer uma sequência didática que levasse os alunos a aprofundarem conhecimentos sobre a forma composicional e o funcionamento discursivo do gênero conto de fadas na modalidade escrita e oral. De acordo com Dolz e Schneuwly (2004), é possível considerar uma progressão de atividades didáticas, ponderando as seguintes ações:

1. adaptar a escolha de gêneros e de situações de comunicação às capacidades de linguagem apresentadas pelos alunos;
2. antecipar as transformações possíveis e as etapas que poderiam ser transpostas;
3. simplificar a complexidade da tarefa, em função dos elementos que excedem as capacidades iniciais das crianças;
4. esclarecer com os alunos os objetivos limitados visados e o itinerário a percorrer para atingi-los;
5. dar tempo suficiente para permitir as aprendizagens;
6. ordenar as intervenções de maneira a permitir as transformações;
7. escolher os momentos de colaboração com os outros alunos para facilitar as transformações;
8. avaliar as transformações produzidas. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p.63)

Para agenciar a ampliação dos conhecimentos do gênero conto de fada em uma classe do quarto ano, apresentamos uma proposta inicial de leitura e produção de textos com contos de fadas, fazendo uma pequena sondagem. A primeira conversa ocorreu de maneira informal, procurando identificar o que os alunos já sabiam sobre os contos de fadas. a) Alguém já ouviu falar em contos de fadas? b) Quais? c) Que contos de fadas vocês já ouviram? d) Que tipo de personagens, geralmente, encontramos nos contos de fadas? e) Em que tempo e lugar ocorrem os acontecimentos das histórias? Que ações, geralmente, ocorrem? Como, normalmente, começa um conto de fadas? Como ele termina? O que ocorre no

meio destas histórias? Quem geralmente conta a narrativa? Para quem lemos os contos de fadas?

Depois da sondagem inicial, realizamos uma leitura interativa do “O rei sapo”, considerando perguntas que promovessem comentários durante o momento da narração, focalizando estratégias de antecipação e ativação de conhecimentos prévios da leitura em voz alta do professor. Neste trabalho, valorizamos a entonação e recursos da modalidade oral para aproximar o texto lido à dinâmica da contação de história.

Professor: a gente vai pedir pra vocês recontarem esta história (apontando para o livro)... colocando todos os elementos que puderem... a história que a gente vai ler hoje chama-se o rei sapo... um conto de fadas... vocês já ouviram?

Fabrizio: sim... que ele era um sapo assim...

Luan : não... ele era um homem... aí a bruxa transformou ele em sapo... aí a princesa beija ele e ele vira um príncipe...

Professor : será que nessa história vai ter uma princesa que vai beijar o sapo pra ele virar príncipe?...

Todos: não...

Professor: quem já ouviu esta história?... vocês viram onde?...

Luan: na TV...

Professor: existe um filme... A PRINCESA E O SAPO, não é?...E o PRÍNCIPE SAPO?... vocês já leram esta história?... vocês sabem quem escreveu este conto de fadas? (silêncio)... os irmãos Grimm... ele escreveu a Bela Adormecida... Rapunzel... ééé... A gata Borralheira... ééé... JOÃO E MARIA...

Aluno: o galo... o burro...

Professor: não...aí... já é uma fábula... mas o galo também é uma história boa...

Fabrizio: Garfield...

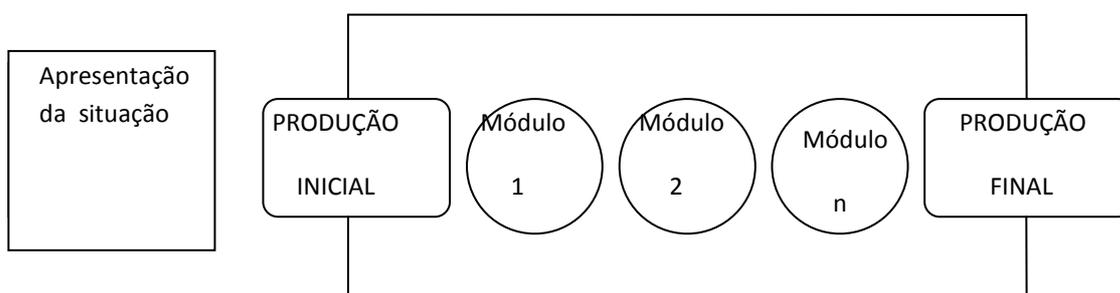
Professor: Garfield... já é um quadrinho... é uma outra história...

Fabrizio: mas tem em filme... também...

Professor: mas não é conto de fadas...

Examinando o diálogo estabelecido com a turma, foi possível coletar uma série de informações que permitiram a configuração de uma sequência didática para trabalhar

com contos de fadas como propõem Dolz, Noverraz, Schneuwly (2004). Organizamos nosso trabalho, então, de acordo com esquema a seguir.



(DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 98)

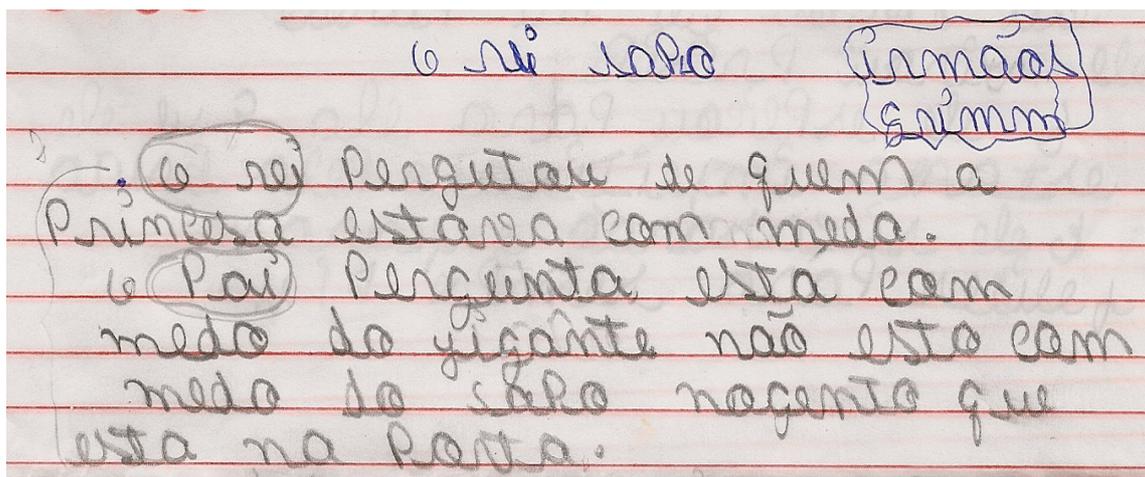
Produção Inicial

A partir da história narrada, oralmente, acompanhada de uma recapitulação coletiva; pedimos que os alunos reescrevessem, desenvolvendo, assim, a **produção inicial**. Examinamos os recursos linguístico-discursivos utilizados pela classe para narrar um conto de fadas na modalidade escrita. Identificamos algumas características comuns nos textos escritos pelos alunos. A maioria deles mantinham formas de oralidade, tanto no plano ortográfico como no plano discursivo, ao recontarem o “O rei sapo”. Observamos que os alunos escreviam como falavam, desconsiderando em muitos momentos a norma ortográfica e convenções para organizar o discurso escrito. Podemos notar, também, que grande parte da turma apresentava dificuldade para pontuar os textos, apesar de conhecer os sinais de pontuação e saber usá-los em frases descontextualizadas.

Modulo 1 – Pontuação e revisão ortográfica

Diante de problemas relacionados a convenções gráficas, planejamos uma oficina para examinar a ortografia, discutindo o uso de letras maiúsculas no meio de frases para termos que não se constituíam como nomes próprios ou não se encontravam no início do período. Tais atividades foram reforçadas com o trabalho de revisão coletiva de pequenos fragmentos dos textos produzidos pelos alunos. Desta forma, ampliamos noções vinculadas a competência ortográfica, bem como as convenções relacionadas à distribuição gráfica dos enunciados no corpo do gênero conto de fadas. Tal aspecto não foi trabalhado em diversos momentos do semestre letivo, visto que a

ação sobre as questões ortográfica exige um processo contínuo de atividades nos anos iniciais. Observamos que em diversas situações que as atividades de revisão ortográfica e organização da distribuição dos enunciados no texto exigiam um trabalho conjunto com o da pontuação. Destacávamos, então, a organização das vozes (personagens e do narrador) expressas por meio dos parágrafos e dos travessões.



Versão escrita	Versão revisada
<p>O rei Perguntou de quem a Princesa estava com medo.</p> <p>O pai Pergunta está com medo do gigante não está com medo do sapo nojento que está na Porta.</p>	<p>O rei perguntou de quem a princesa estava com medo:</p> <p>- Está com medo de um gigante?</p> <p>- Não! Estou com medo de um sapo nojento que está na porta.</p>

Módulo II – Reflexão sobre discurso direto e indireto

A segunda oficina aprofundou a noção de pontuação em textos narrativos, destacando o discurso direto e indireto em pequenos textos (piadas) para demarcar a organização das vozes nos enunciados. A partir da pontuação destes discursos, recorremos a dois textos da turma para analisar como as vozes do narrador e dos personagens foram distribuídas graficamente, no corpo do texto, por meio de parágrafos e travessões.

Módulo II – Marcadores conversacionais e conectores

Observamos que os alunos apresentavam dificuldades para ligar os enunciados uns aos outros. Uma das estratégias utilizadas para introduzir uma nova sequência temporal da narrativa foi o uso do marcador conversacional “aí” bastante utilizado na fala e transferido para escrita. Por meio deste recurso, muitos alunos cometiam a repetição deste marcador para unir enunciados e dar continuidade a narrativa. Tal recurso, bastante utilizado no discurso oral, foi um fator de discussão nas atividades de produção de textos escritos, visto que destacamos outros recursos linguísticos no momento de se expressar na modalidade escrita. Neste sentido, promovemos uma sequência de atividades de substituição de marcadores conversacionais que desempenhavam funções anafóricas e conectivas nos dos textos escritos pelos alunos. Observamos a força da oralidade no texto do aluno que narrou “O rei sapo”, utilizando em seu texto 22 “aí”.

Era uma vez um castelo que tinha um poço e a princesa ia para o poço brincar com sua bola de ouro **aí** a bola de ouro caiu no poço **aí** ela começou a chorar **aí** o sapo disse eu pego se você deixa eu jantar com você dormir com você **aí** ela disse viu **aí** o sapo foi pegar a bola **aí** ele chegou com a bola na boca **aí** ela começou a pular de alegria **aí** ela estava jantando com o pai **aí** o sapo foi na casa dela bateu na porta toc-toc-toc **aí** ela foi abrir a porta **aí** ela viu o sapo ali no chão **aí** ela fechou a porta **aí** ela ficou com medo do sapo **aí** o pai dela disse filha quem é **aí** o sapo chamou a filha mais nova do rei **aí** o rei abriu a porta **aí** ele o sapo veio pulando **aí** chegou na cadeira comeu **aí** foi dormir na cama de seda **aí** a princesa jogou o sapo na parede **aí** virou príncipe **aí** viveram felizes para sempre

Era uma vez um castelo que tinha um peço e a
 princesa ia para o peço brincar com sua bola de ouro
 aí a bola de ouro caiu no peço aí ela começou a
 chorar aí o sapo disse eu peço se você deita eu fante
 com você dormir com você aí ela disse não aí o sapo
 foi pegar a bola aí ele chegou com a bola na boca
 aí ela começou a pular de alegria aí ela estava
 falando com o pai aí o sapo foi na casa dela
 pater na porta toc. toc. toc aí ela foi abrir
 a porta aí ela viu o sapo ali no chão aí
 ela fechou a porta aí ela ficou com medo do
 sapo aí o pai dela disse filha quem é aí o sapo
 chamou a filha mais nova do rei aí o rei abriu
 a porta aí ele o sapo veio pulando aí chegou na ca-
 deira comu aí foi dormir na cama de seda aí a
 princesa jogou o sapo na parede aí virou príncipe aí ^{sempre} ^{sempre} ^{sempre}

Módulo III – O domínio da superestrutura e a macroestrutura do texto “O rei sapo”

Os contos de fadas, dentro da tipologia dos textos narrativos, projetam elementos mágicos no enredo para promover fantasia e imaginação os distinguindo de outros gêneros textuais. Em sua elaboração é necessário estabelecer ações verossimilhantes com o plano da vida real e ao mesmo tempo explorar o universo imaginário que convença o leitor dos acontecimentos narrados. Notamos, entretanto, que alguns textos produzidos pelos alunos havia a supressão de informações importantes que descaracterizavam o modo de organização discursivo dos contos de fadas (exposição, complicação, clímax e desfecho), exigindo uma reflexão mais ampla do ponto de visto do conteúdo semântico apresentado na versão lida para alunos com a versão retextualizada pelos alunos. Para examinar a presença de informações importantes que promovem a organização macroestrutural nos textos dos alunos, organizamos um quadro com dados da macro-estrutura da narrativa “O rei sapo”.

MACROESTRUTURA DO TEXTO DO CONTO “O REI SAPO” (Irmão Grimm)

SUPERESTRUTURA		MACROESTRUTURA DO TEXTO
Apresentação ou exposição (tema da história, cenário, personagens e o momento onde ocorrem as ações).		- Um rei vivia com três filhas em um castelo, onde nas proximidades havia um bosque escuro com um poço. - A filha mais nova era a mais bela das irmãs e possuía uma bola de ouro que gostava de brincar todos os dias.
E P	Conflito/complicação (momento de tensão)	-A princesa foi para o bosque e deixou a bola cair no poço. - O sapo vendo a princesa chorar, fez a proposta de pegar o objeto, com a condição de ela ser sua companheira.
	Solução	- A princesa prometeu conviver com sapo depois de recuperada a bola caída no fundo do poço. - O sapo devolveu a bola para a princesa.
I	Conflito/complicação	- A princesa fugiu para o castelo sem cumprir a promessa.

S Ó D I O S	Solução	- No momento em que a princesa jantava com seu pai, o sapo foi ao castelo cobrar a promessa da princesa, batendo na porta do castelo. - A princesa foi a atender e não permitiu a entrada do sapo no palácio, trancando a porta.
	Conflito/complicação	- O pai da princesa, ao perguntar quem bateu a porta, percebeu o modo aflito da filha. - O rei interrogou a filha e descobriu o não cumprimento de uma promessa feita ao sapo.
	Solução	O rei exigiu o reparo da dívida, mandando o sapo entrar. O sapo, no castelo, comeu no prato de ouro e bebeu no copo da princesa. O pai, com as pontas dos dedos, levou o sapo para o quarto da filha.
	conflito/complicação	O sapo exigiu que a princesa dormisse com ele na cama de seda, senão contaria ao rei o não cumprimento da palavra.
Clímax		- A princesa, irritada, jogou o sapo contra a parede para livrar-se dele.
Desfecho/desenlace		- O sapo caiu no chão e transformou-se em príncipe. - O nobre rapaz contou que uma bruxa o enfeitiçara e somente uma bela princesa poderia quebrar o encanto. Os dois casaram com o consentimento do rei e seguiram para castelo onde príncipe morava.

O esquema apresentado orientou as atividades de leitura e interpretação de texto, bem como critérios para avaliar o domínio das informações necessárias para reescrever o conto. Desta maneira projetamos a forma composicional do gênero conto de fadas, orientando cognitivamente o aluno na fase inicial de produção textos. Por meio deste esquema, foi possível avaliar se os alunos não deixavam informações necessárias para uma aproximação maior com a versão contada pelo professor.

Produção Final

Observamos na produção final dos alunos um grande avanço do ponto de vista da organização dos enunciados, correção ortográfica, pontuação e elaboração textual de acordo com a proposta de escrita do gênero “conto de fadas”. Depois de várias

atividades de revisão coletiva, cada aluno elaborou a reescrita do conto “O rei sapo”, demonstrando novas habilidades que os aproximaram do discurso na modalidade escrita. Julgamos que o texto abaixo, mesmo com alguns aspectos que precisam ser mais trabalhados, apresentou grande avanço no processo de formulação linguístico-discursiva.

O rei sapo

Era uma vez um castelo que tinha um poço e a princesa ia para o poço brincar com sua bola de ouro. De repente a bola de ouro caiu no poço e a menina começou a chorar. Neste momento, um sapo apareceu e disse:

- Eu pego a bola se você me deixar jantar e dormir com você.

A princesa disse que sim e o sapo foi pegar a bola. Quando chegou com o brinquedo na boca a princesa pulou de alegria.

À noite, quando a filha do rei estava jantando com o pai, o sapo chegou na casa dela e bateu na porta: “toc-toc-toc”. A linda moça foi abrir, vendo o pequeno bicho ali no chão, com medo, fecha imediatamente. Mas, o pai da princesa, ao ver a filha aflita, perguntou:

- Filha, quem bate à porta?

O sapo chamou, novamente, a princesa, mas o rei foi quem abriu a porta. O bicho veio pulando até chegar na cadeira e começou a comer. Quando terminou pediu para dormir na cama de seda da princesa. Enraivada, a moça jogou o animal contra a parede que ao cair no chão já não era um sapo, mas sim um lindo príncipe por quem ela se apaixonou. E viveram felizes para sempre.

Considerações finais

Os estudos realizados, até o presente momento, forneceram base para reafirmar a importância de se valorizar a cultura oral como princípio de desenvolvimento da produção de texto na escola. Consideramos que as atividades de leitura e reconto das narrativas desenvolvidas na escola revelam traços orais, tais como repetições, pausas, complementaridade das informações por meio de gestos etc. Estes são objetos de reflexão para compreender a dinâmica de funcionamento discursivo no processamento escrito de crianças que se encontram na fase inicial de domínio da produção do texto escrito.

Diante dos problemas ortográficos, planejamos um primeiro módulo para ampliação da competência textual, atividades de pontuação e revisão ortográfica em pequenos fragmentos dos textos produzidos por eles próprios. Em seguida, promovemos a revisão coletiva a fim de destacar a organização das vozes dos personagens e do narrador

delimitadas por meio dos parágrafos e dos travessões. Além destes aspectos, observamos na reescrita dos alunos, lacunas informacionais impediam a compreensão do leitor devido à falta de acesso ao texto-fonte. Neste sentido, trabalhamos a importância de produtor de texto se dirigir a um possível leitor que não teve acesso aos conhecimentos adquiridos na sala de aula. Além disso, desenvolvemos no percurso de seis meses, o hábito de revisar os textos produzidos pelos alunos, visto que esta prática não era recorrente nas ações pedagógicas que implantamos o projeto.

Do ponto de vista pedagógico, o reconto dos contos de fadas correspondem um desafio para a Educação Básica em todos os seus segmentos, pois evidencia a reelaboração de um conjunto de ações vividas pelos personagens em determinado espaço e tempo, sendo dotado de coesão e coerência em sua esfera enunciativa. A compreensão do funcionamento das sequências textuais que constitui este gênero, bem como a sua dimensão simbólica é de extrema importância para que haja uma boa condução nas atividades de interpretação e proposta de produção textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Ana Nery Barbosa de. *A narrativa oral literária na educação infantil: quem conta um conto aumenta um ponto*. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Pernambuco. CE. Educação, 2009.
- BAKHTIN, Michail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio – discursivo*. São Paulo: EDUC, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa – 1ª a 4ª série*. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- DOLZ, B.; SCHNEUWLY, D. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). *Gêneros do oral e do escrito na escola*. Trad. e org.de Rojo, R. e Cordeiro, G. L.. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J.; e col.. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas; SP: Mercado das Letras, 2004.
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

GRIMM, J. e W. *Os contos de Grimm*. Trad. Tatiana Belinky. São Paulo: Paulinas, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.